

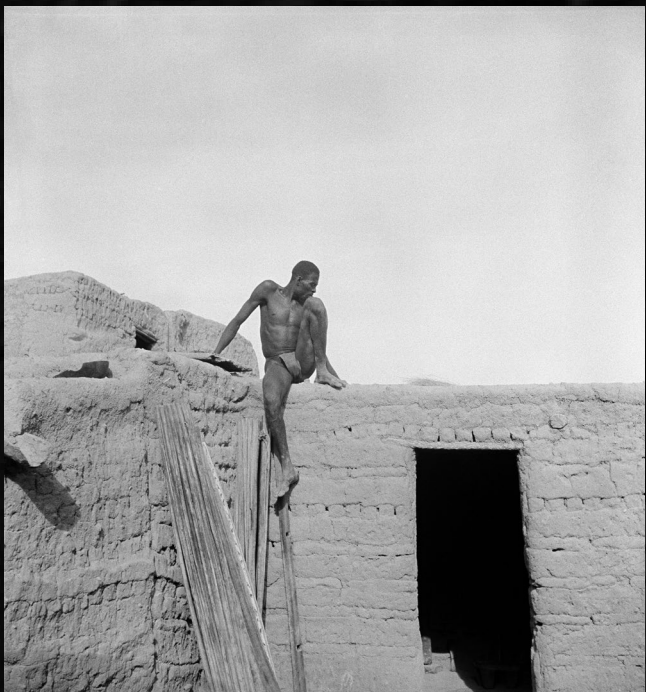
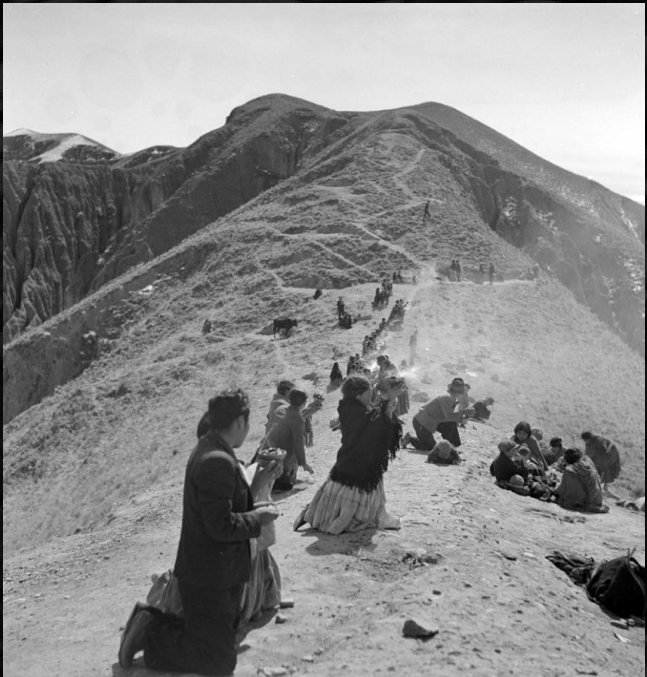
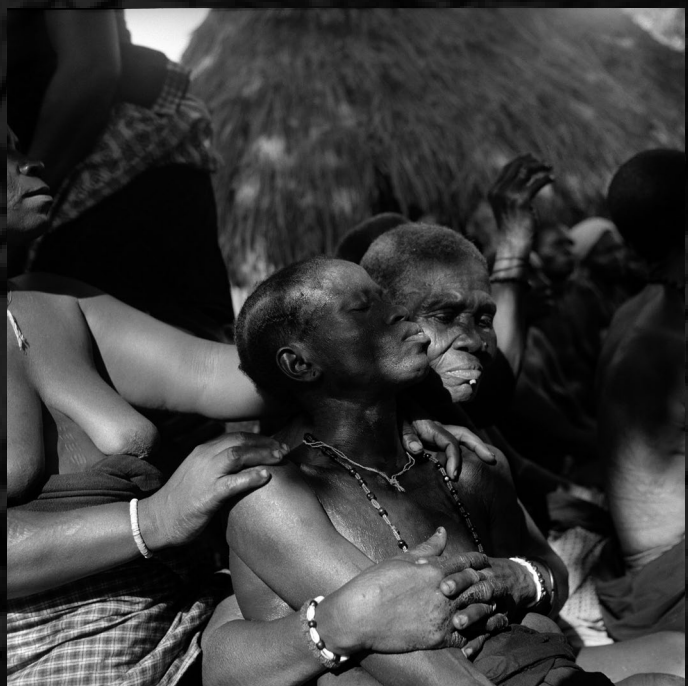
MINISTÉRIO DO TURISMO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
FUNDAÇÃO PIERRE VERGER
CONSULAT GÉNÉRAL DE FRANCE À SÃO PAULO
INSTITUTO TOMIE OHTAKE E FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

apresentam

PIERRE
P E R C U R S O S E M E M Ó R I A S
VERGER

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA





O QUE NOS CONTAM AS IMAGENS DE PIERRE VERGER?

O Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake tem como objetivo colaborar com processos de transformação social, promovendo espaços democráticos para a fruição, interpretação, criação e participação nos campos da arte e da cultura, tendo como premissas o encontro entre pessoas e a promoção da diversidade e da equidade.

Nas nossas ações, buscamos contemplar repertórios das áreas de educação, da cultura e da participação social. Pensando nisso, criamos espaços para debates e para a produção de conhecimento a partir da exposição *Pierre Verger: Percursos e Memórias*. Nessa exposição, composta por trabalhos célebres e também por trabalhos inéditos, destacou-se o quanto as viagens foram condição fundamental para a elaboração de uma vasta produção que faz de Verger um dos mais importantes fotógrafos do século 20.

Junto com as fotografias, estiveram documentos, diários, rastros da passagem do fotógrafo por diferentes partes do mundo. Reunidos, esses elementos colaboram para que reflitamos sobre a relevância de cada trânsito, cada movimento e cada

contexto cultural para as imagens produzidas por Verger. Relacionalmente, a exposição nos leva a pensar também no quanto suas fotografias corroboraram a produção de sentidos sobre esses lugares. Nessa perspectiva, é possível dizer que os recortes e o olhar de Verger tiveram poder e relevância para distintos projetos identitários.

Essas são apenas algumas possibilidades de leitura do trabalho de Verger. Com esta publicação, desejamos ampliar não só o tempo da mostra, como criar novos rastros e oferecer às leitoras e aos leitores a oportunidade de criarem seus próprios percursos para o diálogo com as imagens aqui compartilhadas.

Acreditamos que viagens são compostas, ainda, por sons, texturas, perguntas e narrativas. Nesta publicação, concebida *com e na relação* com professoras(es) e educadoras(es), nos perguntamos, dentre outras coisas, *o que nos contam e como nos provocam*, atualmente, as imagens, os textos e os rastros das viagens de Pierre Verger. Desejamos que, a partir daqui, sejam criados outros percursos para ler e indagar os caminhos percorridos pelo fotógrafo.

Gleyce Kelly Heitor

Educadora e pesquisadora

Diretora do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake

ÍNDICE

**6 PIERRE VERGER:
PERCURSOS E MEMÓRIAS**

7 PUBLICAÇÃO EDUCATIVA

16 VIAJANTE

39 FOTÓGRAFO

60 APRENDIZ

81 MENSAGEIRO

103 CAMINHOS

108 PERCURSO SONORO

110 REFERÊNCIAS

111 CRÉDITOS

PIERRE VERGER:

PERCURSOS E MEMÓRIAS

O Instituto Tomie Ohtake, em parceria com a Fundação Pierre Verger, apresenta a mostra **Pierre Verger: Percursos e Memórias**, com curadoria de Priscyla Gomes e Alex Baradel. Realizada em decorrência da 34ª Bienal de São Paulo, a exposição esteve em cartaz no Instituto Tomie Ohtake de 13 de agosto a 21 de novembro de 2021. Com imagens inéditas ou raramente mostradas, visando contextualizar a produção de Pierre Verger e relacionando aspectos de sua vida pessoal ao contexto histórico a que pertenceu, a mostra reúne seus cadernos de viagem, publicações e periódicos nacionais e internacionais, cartas e textos inéditos, negativos, estudos de ampliações e trechos de documentários sobre o artista.

Para saber mais, acesse o **vídeo** de apresentação. Ele está disponível em português e em Língua Brasileira de Sinais.

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA

Pierre Verger (1902, Paris, França – 1996, Salvador, Brasil), ou Pierre Fatumbi Verger, é um nome bastante conhecido no Brasil. Além do fato de ter estabelecido residência em território brasileiro, na cidade de Salvador (Bahia), contribui para essa popularidade a diversidade de seu legado: Verger atuou como fotógrafo, viajante, mensageiro, babalaô, pesquisador, entre outras atividades às quais se dedicou intensamente.



As tentativas de entender, definir ou refazer o percurso de Verger, investigando as memórias de documentos, fotografias, anotações e publicações, convergem no entroncamento: Pierre Verger, munido das heranças que escolhia e também das que negava, conhecedor de pessoas, experimentador de trajetos, deixou em cada fotografia o registro das histórias sobrepostas nos cruzamentos. Por isso, este material educativo tem como conceito basilar a encruzilhada, compreendida fundamentalmente como o encontro de diferentes caminhos, o local de convivência entre possibilidades ainda não escolhidas, e conseqüentemente ilimitadas.

Na encruzilhada não existe certo ou errado: existem múltiplos caminhos que podem levar a lugares diferentes, ou até ao mesmo lugar, desta vez modificado pela própria caminhada. Cada trecho desta publicação educativa é ponto de partida e de chegada, e demanda escolhas que nos levam a territórios conectados de diferentes maneiras.

Os núcleos temáticos foram elaborados a partir das diferentes maneiras de abordar a vida e a obra de Pierre Verger, e se alimentam das emanções de suas fotografias, carregadas de mistérios e texturas, testemunhas de encontros passados e futuros. Dentre eles, um especial: um laboratório de criação foi realizado com a participação de professoras(es), educadoras(es), artistas, poetas, intérpretes, pesquisadoras(es), gente de São Paulo, gente de Salvador, gente do mundo.

No laboratório, passeamos pelas fotografias, compartilhamos nossas leituras e contamos histórias, nossas e de Verger. Aos percursos e memórias do artista, juntamos nossos desejos e modos de estar no mundo, e chegamos aos caminhos traçados nesta publicação educativa: as imagens, perguntas e assuntos aqui abordados foram definidos a partir de sua reverberação em nosso diálogo, buscando abarcar a complexidade e a potência presentes no recorte da exposição.

Por meio da repetição das imagens em diferentes contextos, da experimentação dos significados que nascem das relações entre elas e da reorganização constante do percurso, ensaiamos deslocamentos em múltiplas direções. Falamos de Pierre Verger **viajante**, buscador das diferenças; de Pierre Verger **fotógrafo**, colecionador de cenas do mundo; de Pierre Verger **aprendiz**, curioso por vocação e afeto; e de Pierre Verger **mensageiro**, atravessador de pontes, oceanos e estradas.

Nas próximas páginas, você vai encontrar 20 fotografias realizadas por Verger, sempre acompanhadas pela audiodescrição. A mediação da audiodescrição transcende o seu objetivo primeiro, que é oferecer acesso às pessoas com deficiência visual, e intensifica a multissensorialidade que potencialmente existe em cada obra. Entre as imagens há pequenos textos, que algumas vezes contam algo sobre elas e outras vezes nos provocam a contar algo sobre nós. Os **caminhos**, no final desta publicação, são atividades que também nos provocam, deslocam e mobilizam.

Preparamos um percurso sonoro para acompanhar e inspirar sua caminhada por esta publicação educativa. Ele contém músicas que ajudam a aprofundar a experiência de passear pelos registros de diferentes lugares e pessoas, evidenciando as trocas culturais em variadas camadas e instâncias. Acesse a lista de músicas **clicando aqui** ou vá direto para a **playlist**.

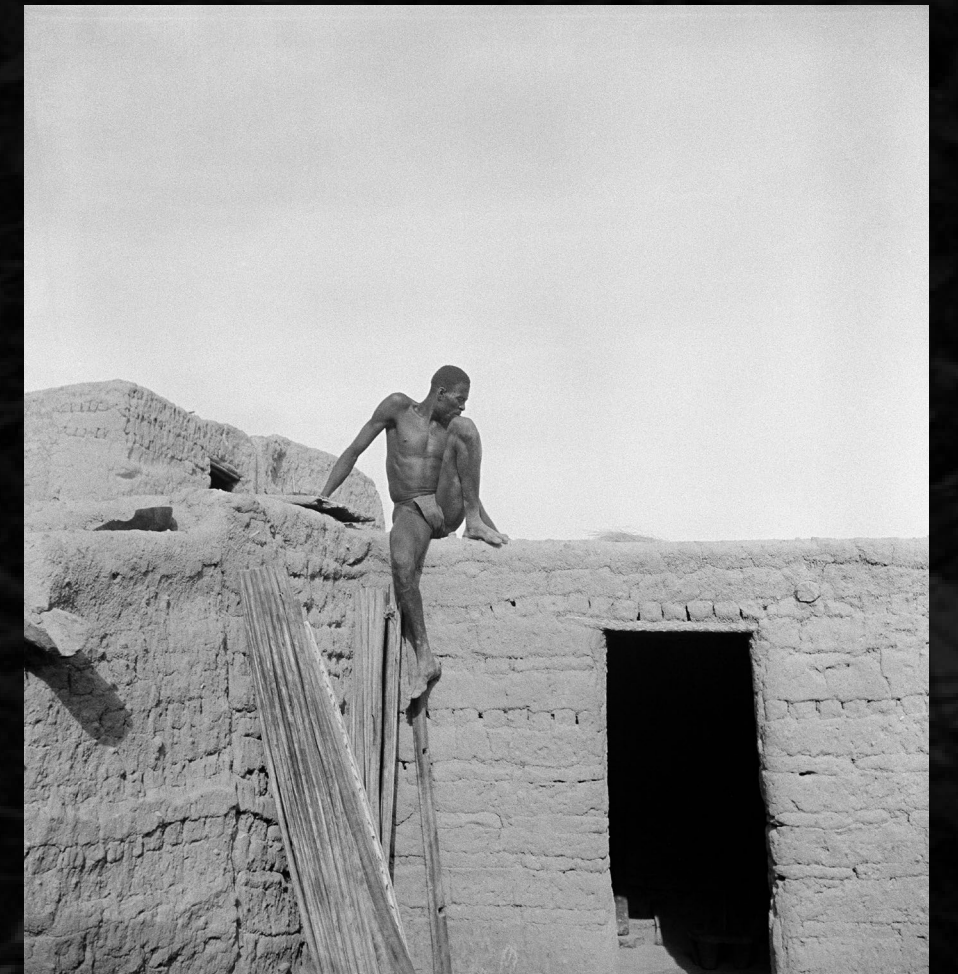
No mural colaborativo, pensado para ser utilizado também por visitantes da exposição no Instituto Tomie Ohtake, convidamos você a compartilhar o seu percurso por esta publicação educativa. Aproveite para conhecer os caminhos trilhados por outras pessoas. Acesse o mural **clicando aqui**.

Você pode passear por esta publicação educativa clicando nas imagens ou seguindo página a página; de qualquer modo, as surpresas virão. Experimente seguir em frente escolhendo os seus caminhos, navegando por provocações, esquinas, esquivas, curvas, desvios, atalhos e caronas. Desejamos que esta publicação seja também viajante, aprendiz e mensageira, que gere movimento e transformação, e que você volte mais vezes para experimentar novas formas de se relacionar com ela.

Divina Prado



VIAJANTE



“Comecei a viajar não tanto pelo desejo de fazer pesquisas etnográficas ou reportagens, mas por necessidade de distanciar-me, de libertar-me e escapar do meio em que tinha vivido até então, cujos preconceitos e regras de conduta não me tornavam feliz. [...] percebi que a solução procurada não consistia em fazer sistematicamente o contrário daquilo que minha família esperava de mim. Pois, mesmo se reagisse voluntariamente ao inverso dos preconceitos que me tinham sido inculcados, era ainda em função daqueles que eu ficava inversamente condicionado, mas de qualquer modo condicionado [...]. Precisava, pois, escapar do meu meio e do meio antimeio.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

O que você
busca?

Nascido em um lar burguês em Paris, França, em 1902, Pierre Edouard Léopold Verger tornou-se um viajante aos 30 anos. Após o falecimento de seu irmão do meio, seguido pelo falecimento de seu pai, de seu irmão mais velho e, por último, de sua mãe, Verger iniciou seu percurso de despojar-se do meio no qual havia vivido até aquela época. Foram quase 14 anos consecutivos de viagens ao redor do mundo, de dezembro de 1932 a agosto de 1946, quando estabeleceu sua primeira morada fixa fora de sua terra natal. Durante esse período, Verger passou pelos cinco continentes, retornando outras vezes, observando, fazendo anotações e costurando as semelhanças e diferenças entre lugares e, principalmente, entre pessoas.

As(os) intelectuais e artistas francesas(es) entusiastas do surrealismo, na primeira metade do século 20, nutriam especial interesse pelos povos e paisagens das ilhas da Oceania, cuja imagem difundida na Europa representava uma possibilidade de fuga dos modos de vida do mundo ocidental. Esse mesmo pensamento levou Pierre Verger, acompanhado por seu amigo Eugène Huni, a visitar diversas ilhas da Polinésia Francesa, como Taiti, Raiatea, Rapa Nui, Rimatara, Bora Bora, Moorea e Rurutu.



 **VOLTAR**

AD)))

Rurutu, Polinésia Francesa

1933

Impressão em gelatina e prata

40 x 40 cm

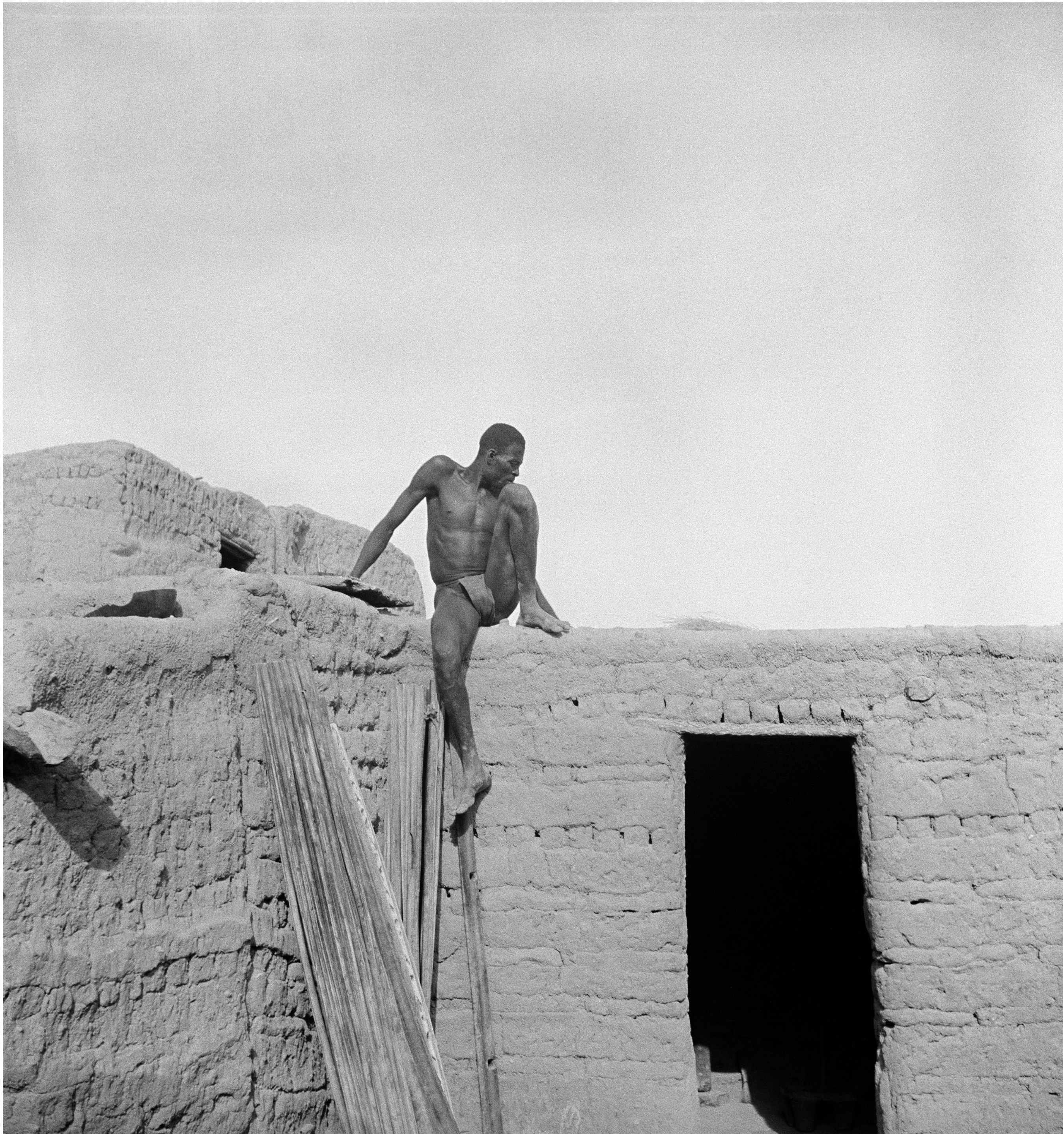
©Fundação Pierre Verger

“Rurutu mede doze quilômetros de comprimento por quatro de largura e era povoado por mil e duzentos habitantes aproximadamente, repartidos entre três aldeias, Moeraï, Hauti e Avera. Esta ilha é montanhosa, e seu pico mais alto, Manureva, ‘o pássaro-que-voa’, atinge quatrocentos metros; toda a ilha é bordejada com altas falésias abruptas. Somente três baías permitem ali o desembarque em belas praias de areia branca e o acesso para as estreitas planícies onde estão situadas as aldeias. Para ir de uma à outra era preciso caminhar num chão argiloso.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

Em **Rurutu, Polinésia Francesa** já se anuncia o interesse de Pierre Verger por pessoas em seus afazeres laborais. Na imagem, uma mulher está sentada no chão trançando folhas. Ela parece muito concentrada em sua missão e usa um chapéu fabricado de maneira similar. A tecelagem com folhas e fibras de coqueiro e pandanus é uma técnica tradicional e parte importante da diversificada identidade cultural dos povos polinésios. Além de criação de chapéus, roupas, tapetes e adornos, a técnica é utilizada na construção de objetos para cerimônias religiosas, casas (telhados, biombos etc.), móveis (esteiras, camas etc.) e instrumentos de navegação e pesca (cordas, remos etc.).

A 4.439 quilômetros de Rurutu, em Vanuatu, na tentativa de proteger o meio ambiente do excesso de lixo, a entrada de plástico descartável (como sacolas, canudos e copos) foi proibida na ilha em 2019. Com isso, as cooperativas de artesanato local foram incentivadas a incrementar a produção de bolsas, sacolas e outros tipos de embalagens biodegradáveis, feitas de folhas de coqueiro e pandanus, que passaram a ser amplamente utilizadas nas feiras e mercados. Além dos danos causados pelo lixo despejado nos oceanos e pelo turismo predatório, a vida nas ilhas do Pacífico Sul é ameaçada pela subida do nível do oceano, causada pelas mudanças climáticas. Algumas dessas ilhas já ficaram inabitáveis devido ao aumento do nível do mar e ficarão submersas antes do fim deste século.



 **VOLTAR**

AD)))

Mahon, Burkina Faso

1936

Impressão em gelatina e prata

100 x 100 cm

©Fundação Pierre Verger

Em 1935, Pierre Verger desembarcou no continente africano pela primeira vez. Atravessou o Saara, foi até a região do Golfo do Benim e voltou para a Argélia passando pelo Níger e novamente pelo Saara. Durante cerca de dois anos, Verger trocou suas fotografias por meios de transporte e liberação de acesso a determinadas localidades, recursos que possibilitaram a realização de centenas de fotografias que documentavam não somente a cultura e as tradições dos povos de diferentes lugares da África ocidental, inclusive dos nômades, mas também o próprio encontro do fotógrafo com as pessoas.

No livro *50 anos de fotografia*, Verger conta que na viagem à África ocidental em 1935, enquanto utilizava um dos carros oferecidos em troca das fotografias, ouviu pela primeira vez sobre um lugar chamado Brasil: “um certo Laurent de Souza que me falou do Brasil, mas somente doze anos mais tarde eu compreendi do que se tratava”.

Em **Mahon, Burkina Faso** observamos um homem sentado sobre uma construção, olhando para baixo, como se esperasse alguém passar pela porta. As paredes revelam o material do qual foi feita a casa, um exemplo de arquitetura vernacular de adobe, que consiste em uma mistura de terra crua e fibras vegetais, dentre outras matérias naturais. Essa mistura é moldada em forma de tijolos, que posteriormente são secos ao sol e fixados com a mesma matéria de que são feitos até formarem as paredes das construções. Utilizada há milhares de anos, a técnica do adobe é sustentável, ecológica, bioclimática e barata, e por isso amplamente empregada ao redor do mundo, notadamente em lugares de clima quente.

Entre os séculos 16 e 20, a França invadiu territórios da África, das Américas, da Ásia e da Oceania, estabelecendo o Império Colonial Francês. A África Ocidental Francesa (AOF) foi uma federação de oito territórios sob domínio colonial francês no continente africano, composta por Alto Volta, Costa do Marfim, Daomé, Guiné, Mauritânia, Níger, Senegal e Sudão Francês. Fundada em 1895, a AOF se dissolveu em 1958. Em 1960, com a conquista da independência, Alto Volta passou a se chamar Burkina Faso, que significa “terra dos homens íntegros” na língua Mossi. É um território de grande diversidade étnica, com predomínio do povo Mossi, e marcado pela resistência ao domínio colonial francês.



 **VOLTAR**

AD)))

Meo, Lai Chau, Vietnã

1938

Impressão em gelatina e prata

40 x 40 cm

©Fundação Pierre Verger

“Fui em seguida para Lai Châu, costeando o leito do rio Negro por uma estrada que acabavam de construir. Tive assim a ocasião de visitar aquela região pouco acessível até então. Fiz a volta descendo uma parte do rio em Sapa, que logo se tornou sinuosa através das gargantas profundas dominadas por cristas em que estavam empoleiradas aldeias Miao, e pouco depois nos largos vales habitados pelos Sapèques e os Tháí.”

Pierre Verger, 50 anos de fotografia

Em 1938, após uma temporada nas Filipinas, Pierre Verger partiu para a Indochina, possessão colonial francesa da qual fazia parte, dentre outros países atualmente independentes, o território do Vietnã. Lá permaneceu por seis meses até que foi convocado pelo exército francês e precisou retornar a Paris. No Vietnã, na província de Lai Châu, registrou duas crianças do povo Meo. Elas olham despreocupadas para algo que a fotografia não nos conta. Aos poucos, as fotografias de Verger — que, na viagem à Polinésia, sob influência da vanguarda surrealista, ainda mostravam uma profusão de paisagens ermas — foram sendo preenchidas por pessoas, assunto que se tornaria central para o fotógrafo nos anos seguintes.



Festa de Santiago, Cusco, Peru
1939–1946
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

“Cheguei ao Peru em julho de 1942, vindo da Argentina e da Bolívia por via terrestre, passando por Copacabana e costeando o lago Titicaca até Puno. Dali segui rumo ao interior do país, passando pelo corredor dos planaltos interandinos por Cusco, Ayacucho, Huancayo e La Oroya, até Lima. Fiquei quase quatro anos no Peru, entre os quais um ano e meio a serviço do Museu Nacional. Obtive este contrato graças aos esforços conjuntos de Luis Valcárcel, seu diretor, e de Ernesto More, irmão de Gonzalo More, conhecido anteriormente em Paris. [...] Estabeleci, pois, durante muito tempo, meu quartel general em Cusco, um dos numerosos ‘umbigos do mundo’ onde eu vivi. Pequim foi o primeiro e Ifé, na Nigéria, seria um outro.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

“Mas todos os santos cujas *fiestas* celebravam, eram eles no fundo bem católicos? Para os índios, Santiago Matamoros era Apu-Illapu, o deus dos relâmpagos montado em seu cavalo, aquela besta terrível que nunca tinha sido vista nos Andes antes da chegada dos conquistadores espanhóis, e que sem dúvida tinha contribuído para aumentar seu prestígio; a Santa Virgem era assimilada a Pachamama, a Terra Mãe, e Cristo a Inti Huayna Capac, ‘O Sol jovem chefe’, e todos recebiam oferendas de lhamas e de guanacos.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografias*

As fotografias realizadas por Pierre Verger durante a época em que trabalhou para o Museu Nacional de Lima deram origem ao fotolivro *Fiestas Y Danzas en el Cuzco y en los Andes*. O livro reúne cerca de 150 registros fotográficos de festas e manifestações culturais do povo andino, evidenciando suas tradições e o forte sincretismo religioso — testemunha de um processo de dominação, mas também de resistência e reinvenção. Diferente dos livros onde as imagens apoiam o texto, um fotolivro estrutura-se sobre as imagens, apoiando-se em sua potência narrativa visual, seja no âmbito da pesquisa etnográfica, seja no da fotografia artística.

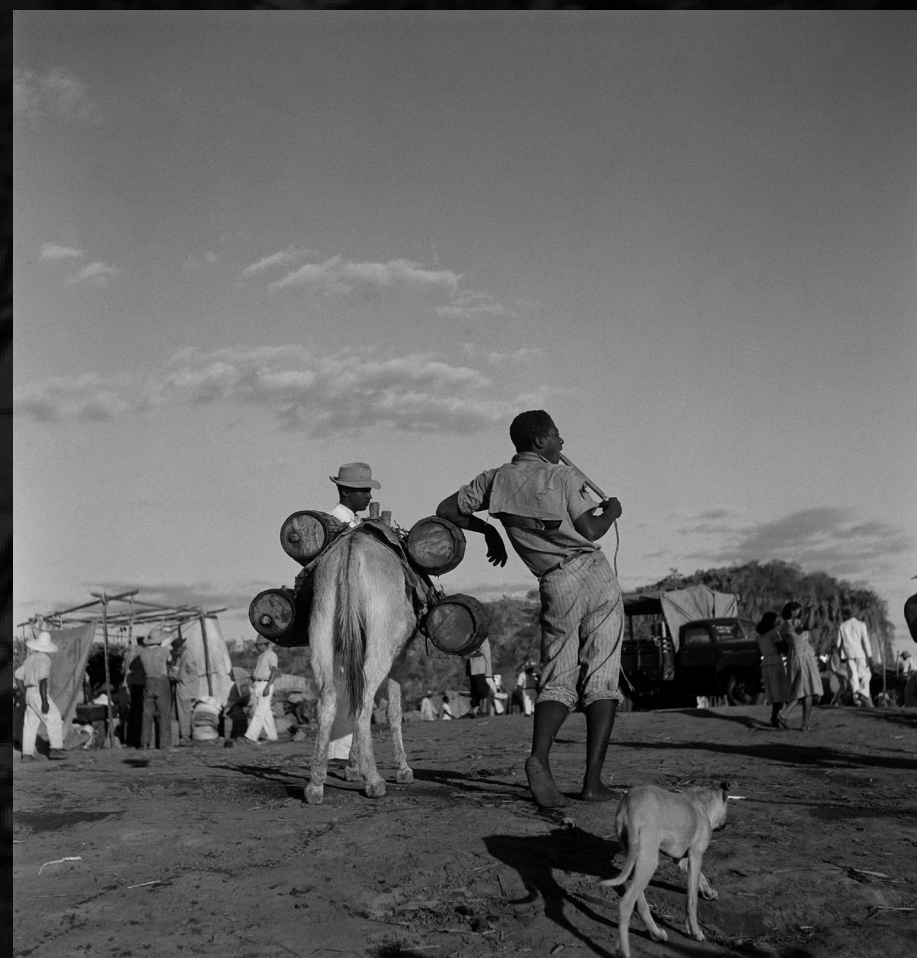


 **VOLTAR**

AD)))

Vitalino, Caruaru, Brasil
1947
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

Em **Vitalino, Caruaru, Brasil** vemos um menino em uma casa de taipa em Caruaru, segurando um pequeno boi de cerâmica feito pelo artista Vitalino Pereira. Em 1948, a revista *O Cruzeiro* publicou uma reportagem sobre Vitalino, com texto de Mário Leão Ramos e fotos de Pierre Verger, exaltando o trabalho do ceramista e músico, de grande renome nacional e internacional, e a boa recepção que suas peças tinham na feira de Caruaru, principalmente por parte das crianças. Em 1963, a revista *O Cruzeiro* publicou uma nova reportagem sobre o mestre Vitalino Pereira, com texto de Lago Burnett, desta vez comunicando seu falecimento devido à varíola, doença que só foi erradicada na década de 1970 graças à vacinação.



FOTÓGRAFO



“Tirei minhas primeiras fotografias com a idade de trinta anos, em 1932. Foi naquele ano que fiz, com um vendedor de aparelhos fotográficos de ocasião, a troca do velho verascópio Richard da família por uma Rolleiflex que também não estava em sua primeira juventude.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

A foto conta
o que conta
quem
fotografa?

Pierre Verger aprendeu a manusear a câmera fotográfica com seu amigo e fotógrafo Pierre Boucher. Na época, ambos faziam parte de um grupo de jovens intelectuais e artistas de Paris cuja produção pautava-se, em certa medida, pelos debates estéticos, conceituais e éticos suscitados pela vanguarda surrealista. As primeiras fotografias de Pierre Verger, fortemente influenciadas por esse meio, revelam características comumente associadas ao surrealismo, como as paisagens enigmáticas e a tentativa de criar imagens que alterassem a percepção da realidade.



 **VOLTAR**

AD)))

Moorea, Polinésia Francesa

1933

Impressão em gelatina e prata

40 x 40 cm

©Fundação Pierre Verger

Nas fotografias realizadas por Verger na Polinésia, é comum observarmos imagens onde predominam paisagens e objetos, o que é fruto de um olhar ainda exotizante, sem a espontaneidade que os anos de convivência e experiência trariam para seu trabalho fotográfico. Em **Moorea, Polinésia Francesa**, a fumaça que sai da fogueira, ao centro da composição, espalha-se pela cena e nos convida a olhar entre as luzes de um lado e as sombras de outro, criando um fluxo que pouco a pouco nos revela elementos ligados à alimentação e aos hábitos do povo da ilha de Moorea.

A primeira grande viagem de Verger, para a Polinésia, abriu os caminhos para a sua primeira exposição como fotógrafo no Musée d’Ethnographie du Trocadéro (Paris, França), mais tarde rebatizado como Musée de l’Homme. Algumas das mais de 700 fotografias realizadas nas ilhas polinésias foram apresentadas a Georges Henri Rivière, diretor do museu, e Verger foi convidado a participar de uma mostra dedicada às civilizações do Pacífico. Esse acontecimento abriu, ainda, outros caminhos para ele, que teve a oportunidade de aprimorar-se tecnicamente como fotógrafo trabalhando no laboratório fotográfico do museu.



 **VOLTAR**

AD)))

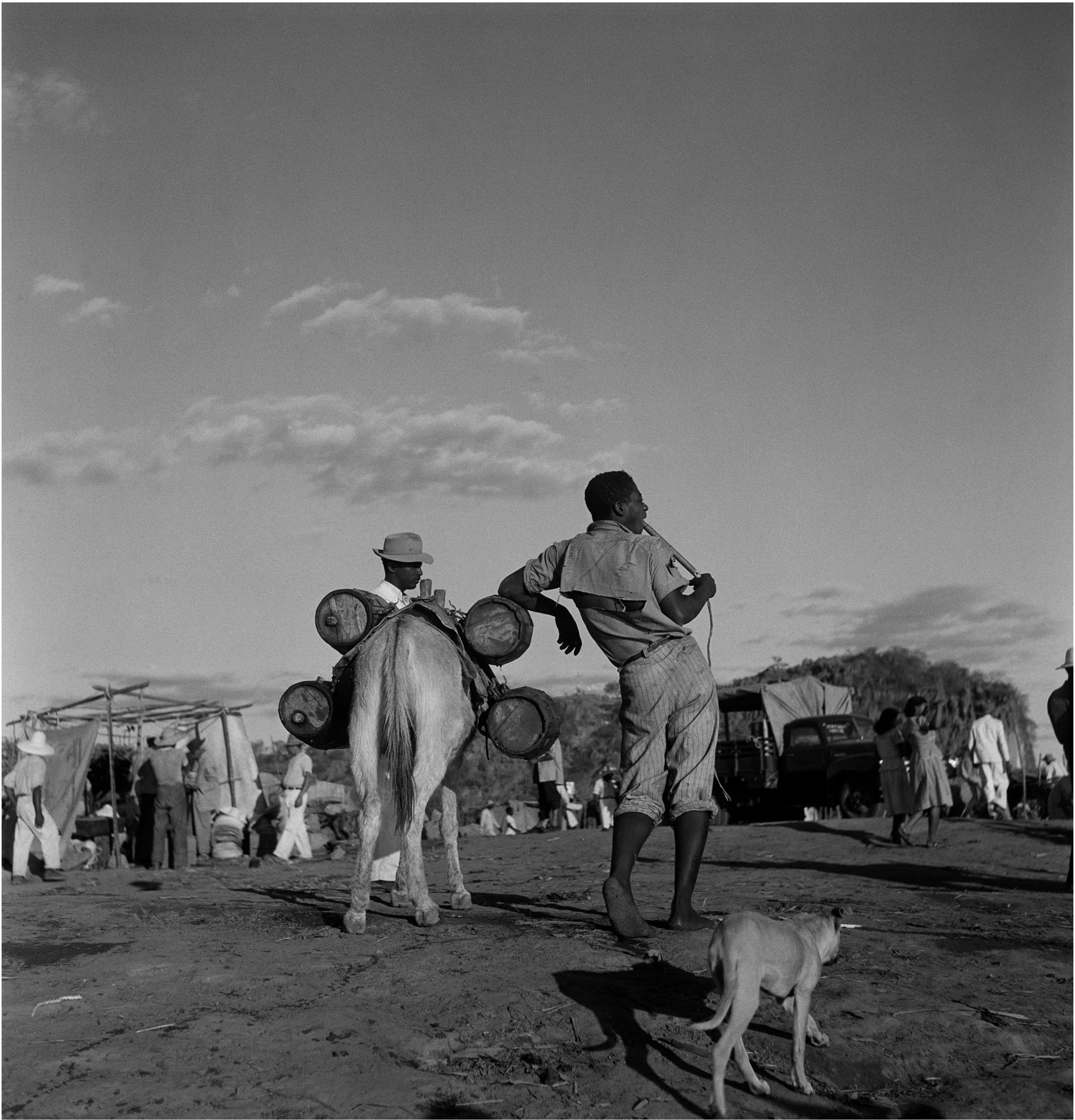
Boa Morte, Cachoeira, Brasil
1946–1951
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

“Eu era repórter fotográfico da revista *O Cruzeiro* e fui até Cachoeira para fazer uma reportagem sobre a Festa da Boa Morte, que é realizada em 15 de agosto. (...) A Boa Morte me interessava porque encontrei lá, em Cachoeira, gente muito interessante, especialmente a provedora do templo, que atendia pelo apelido de Santinha e que sabia muitas coisas sobre a África.”

Pierre Verger em entrevista concedida a Rodrigo Vieira Junior para o jornal *A Tarde*, 1990

Poucas fotografias feitas por Pierre Verger são posadas. O fotógrafo parecia estar mais interessado no acontecimento vinculado às suas dinâmicas comuns do que na imagem gerada. Em **Boa Morte, Cachoeira, Brasil**, a sombra que cobre as mãos da mulher à esquerda, dada a proximidade do enquadramento, pode ser a do próprio Pierre Verger com sua Rolleiflex, chamada por ele de “câmera de umbigo”. O visor se localiza na parte superior da câmera, que, assim, posicionada à frente do peito do fotógrafo, permite que este verifique o enquadramento e ajuste o foco apenas olhando para baixo, sem precisar colocar a câmera na frente do rosto.

A Irmandade da Boa Morte é uma das mais antigas, importantes e respeitadas confrarias religiosas afro-católicas do Brasil, criada há cerca de 200 anos. As mulheres que a compõem, todas senhoras negras acima dos 40 anos, cultuam os Orixás e os santos católicos, em cerimônias secretas ou abertas à população. Algumas dessas cerimônias compartilhadas com a comunidade acontecem anualmente no mês de agosto, na cidade de Cachoeira. Em matéria publicada na revista *O Cruzeiro* em 1951, com fotografias de Pierre Verger e texto de Odorico Tavares, conta-se que cerca de 80 mil pessoas acompanharam o cortejo da Irmandade da Boa Morte, que ocorrera excepcionalmente na cidade de Salvador em comemoração de seu quarto centenário, em 1949, quando o então governador Otávio Mangabeira convidou a confraria a ir até a capital para participar dos festejos.



Carregadores de água, Bom Jesus da Lapa, Brasil
1950
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

A câmera Rolleiflex utiliza fotogramas quadrados, como é possível verificar nas fotografias feitas por Pierre Verger. Esse tipo de câmera, chamada também de TLR (*two lens reflex*), possui duas lentes que cumprem diferentes funções: a primeira projeta a imagem no visor, permitindo ao fotógrafo visualizá-la e fazer os ajustes necessários no equipamento; e a segunda projeta a imagem no fotograma. As duas objetivas são interligadas por uma engrenagem que garante que as duas imagens, a projetada no visor e a projetada no filme, sejam exatamente iguais, permitindo maior controle sobre a fotografia.

Em Bom Jesus da Lapa, cidade conhecida como capital baiana da fé e que há mais de três séculos atrai fiéis e turistas, Pierre Verger encontrou os **carregadores de água**. A fotografia resultante desse encontro, além de revelar, ao fundo, um fragmento das dinâmicas das romarias e seus trabalhadores, evidencia o olhar sensível do fotógrafo para as cenas do universo do trabalho. Na imagem, o corte horizontal que separa a terra e o céu é distraído pelas curvas dos carregadores e de suas cargas. Os quatro barris, redondos, vistos pelo fundo, parecem encaixar-se perfeitamente à postura do homem que se apoia neles, à direita, e cujo corpo evoca as curvas desde os dedos da mão até a sola do pé.



Dorminhocos, Salvador, Brasil
c. 1950
Impressão em gelatina e prata
100 x 100 cm
©Fundação Pierre Verger

Onde existe o trabalho, deve existir também, e em medida suficiente, o descanso. Pierre Verger, dedicado à observação dos afazeres diários de diferentes povos e lugares, retratou pessoas descansando no espaço público em muitas das cidades para as quais viajou entre as décadas de 1930 e 1950. Salvador, onde fixou residência a partir de 1946, ofereceu ao fotógrafo importante contribuição para essa coleção. Na fotografia **Dorminhocos, Salvador, Brasil**, vemos um homem cochilando tranquilamente sob o sol, encostado em uma árvore. Além de elementos comuns a um imaginário urbano brasileiro do século passado, como o chão de pedras portuguesas, as características arquitetônicas da praça ou a mureta de balaústres da casa ao fundo, podemos observar modos de ocupação do espaço público marcados, sobretudo, pela presença de homens.

Uma fotografia, ainda que tenha como origem um arranjo único de elementos de uma dada realidade, ao ser transformada em objeto autônomo que existe nessa mesma realidade, apresenta-se não como memória acabada daquele arranjo, mas como possibilidade de criação de diversos outros. Por exemplo, uma fotografia de uma paisagem pode criar o desejo de viajar ou, em casos de maior reverberação, fazer com que a viagem efetivamente aconteça.



 VOLTAR

AD)))

Infiernillo, La Paz, Bolívia
1939–1946
Impressão em gelatina e prata
100 x 100 cm
©Fundação Pierre Verger

Desde 1932, Pierre Verger viajou o mundo fazendo fotografias, que eram vendidas pela agência Alliance Photo e ajudavam a financiar as viagens. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o consequente fechamento da Alliance Photo, sua principal financiadora, Verger diminuiu a intensidade de suas viagens e passou um longo período vivendo e trabalhando na América Andina, conhecendo e debruçando-se sobre os povos indígenas das montanhas.

“Em La Paz, não deixei de subir ao Infiernillo, numa crista que domina a cidade, para assistir à reunião dos índios Aymaras, em uma quarta-feira às onze horas da manhã. Os céus, então, supostamente entreabriam-se durante um quarto de hora. As fumaças dos incensos que indo naquela direção tinham assim mais chance — pensavam eles — de levar seus votos para bom destino.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

Em La Paz, as montanhas fazem parte da vida não somente por sua imponente presença no território, mas também por seu caráter sagrado. Para a cultura Aymara, poderosos espíritos chamados Apu moram nas montanhas e cuidam de todos os seres que vivem em seu entorno. Em **Infiernillo, La Paz, Bolívia**, Verger registra uma cerimônia religiosa do povo Aymara onde são feitas oferendas à terra e queimados incensos aos espíritos. Nessa época, suas fotografias ainda conservavam o olhar do fotógrafo viajante do início da década de 1930 — influenciado pelo surrealismo e em busca de paisagens enigmáticas que destoassem da própria realidade —, mas também mostravam o início de um gradativo comprometimento com a observação e a pesquisa etnográfica, anunciando as mudanças pelas quais seu trabalho iria passar e o desejo de conhecer de modo mais aprofundado as diferentes culturas.



APRENDIZ



“Entretanto, a sensação de que existia um vasto mundo não me saía da cabeça e o desejo de ir vê-lo e fotografá-lo me levava em direção a outros horizontes.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

Desde suas primeiras experiências com as fotografias e as viagens, Pierre Verger foi movido pelo desejo de aprender, encontrar, conhecer, enfim, deslocar-se continuamente de suas certezas. Junto às fotos realizadas nas viagens, Verger fazia anotações acerca do que via, das pessoas que encontrava, dos trajetos que realizava. Por vezes, escrevia pequenos relatos sobre os registros fotográficos; noutras, trocava cartas com amigos contando sobre suas aventuras. A maior delas possivelmente foi o impressionante feito de ter passado a vida a procurar, a descobrir — às vezes a cobrir novamente — e a registrar, de modo que podemos, hoje, dar prosseguimento a suas buscas a partir daquilo que elas podem nos ensinar.

Cada vez que
alguém lê uma
imagem, ela
muda de
significado.



 VOLTAR

AD)))

Nikkō, Japão
1934
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

O que você
aprende
quando visita a
casa de alguém?

“Não se penetrava naqueles interiores a não ser descalço, após uma série de curvaturas protocolares em que se deveria ficar com a parte superior do corpo longamente dobrada na horizontal, com as mãos nos joelhos, murmurando fórmulas de polidez e aspirando o ar com força no fim de cada frase. Todo código de sabedoria de vida com regras rígidas e inumeráveis, implicando controle permanente da expressão de seus sentimentos. Não fiz mais que perceber o extremo refinamento desta civilização onde servir o chá era feito de acordo com um estrito protocolo e elaborar um buquê era uma arte erudita.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*



 VOLTAR

AD)))

Andahuaylas, Peru
1939–1946
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

O que você
aprende
caminhando?

A longa permanência de Pierre Verger na América Andina, somada à proximidade com o povo andino e sua cultura — um pouco maior do que aquela que pôde estabelecer, por exemplo, com os povos que encontrou em sua viagem ao redor do mundo financiada pela revista *Paris-Soir* em 1934 —, mudou sensivelmente seu modo de fotografar e o seu olhar para esses lugares. Em **Andahuaylas, Peru**, ainda que a atmosfera possa nos parecer fantástica, o que vemos é uma cena prosaica, a vida acontecendo. É um início da tarde comum em Andahuaylas ou, talvez, um dia de festa ou peregrinação; as pessoas vêm e vão, algumas andam pela sombra, outras não se importam com o sol, seus chapéus as protegem, um cachorro cheira o chão.



 VOLTAR

AD)))

Festa Taitacha Temblores, Cusco, Peru

1939–1946

Impressão em gelatina e prata

40 x 40 cm

©Fundação Pierre Verger

Um primeiro olhar para a fotografia **Festa Taitacha**
Temblores, Cusco, Peru revela um símbolo que já conhecemos de outros contextos, seja da religião ou da própria arte, devido ao processo de formação de nossa cultura, marcado pela imposição de referências religiosas e crenças de origem judaico-cristã. No entanto, se olharmos novamente, veremos que a fotografia possui alguns detalhes que, talvez, destoem da imagem que habita nosso imaginário, como a vestimenta do Cristo e a cor de sua pele.

Conta-se que no ano de 1650, diante de um terrível terremoto que atingiu a cidade, a estátua de Santo Cristo de la Buena Muerte [Santo Cristo da Boa Morte], como era chamada até então, foi retirada da Catedral de Cusco para receber as súplicas dos fiéis, que foram atendidas: o terremoto cessou. O Cristo foi renomeado Señor de los Temblores [Senhor dos Tremores] e, desde aquela ocasião, todo ano é realizada uma procissão em sua homenagem, sempre na segunda-feira que dá início à Semana Santa, quando a imagem, pesando mais de 600 quilos, percorre as ruas de Cusco carregada pelos fiéis.

O que você
aprende com a
diferença?



 VOLTAR

AD)))

Mercado Água de Meninos, Salvador, Brasil

1946–1948
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

[...]

Por cima da feira, as nuvens

Atrás da feira, a cidade

Na frente da feira, o mar

Atrás do mar, a marinha

Atrás da marinha, o moinho

Atrás do moinho, o governo

Que quis a feira acabar

Dentro da feira, o povo

Dentro do povo, a moça

Dentro da moça, a noiva

Vestida de rendas, ô

Abre a roda pra sambar

[...]

Água de Meninos

Capinan/Gilberto Gil

As feiras e mercados são parte fundamental da convivialidade nordestina do século 20, e foram diversas vezes retratados por Pierre Verger. Moradores de diferentes regiões encontravam-se nesses entroncamentos em busca dos mais variados itens, desde alimentos, instrumentos de trabalho, utensílios domésticos e objetos de decoração até serviços. Além da troca, venda e compra de mercadorias, as feiras são espaços de sociabilidade, criação de laços afetivos e fortalecimento e difusão de expressões culturais.

Por onde anda o acaso?





Poetas populares, Salvador, Brasil

1946–1948

Impressão em gelatina e prata

40 x 40 cm

©Fundação Pierre Verger

Em **Poetas populares, Salvador, Brasil**, Pierre Verger coloca-se no lugar de quem passa pela rua e é capturado pela história de amor e falsidade contada pelo poeta popular baiano, capaz de fazer com que as pessoas interrompam momentaneamente seus trajetos e afazeres para saber o destino trágico ou venturoso dos personagens, aglomerando-se e acotovelando-se para ouvir os apelos do narrador em meio ao burburinho da cidade. A partir da junção de palavras e desenhos, o cartaz revela fragmentos de uma história que nos deixa imaginando suas possíveis continuidades, desdobramentos e reviravoltas. A fotografia tem sobre nós um efeito similar e nos convida a imaginar que outras histórias estariam acontecendo fora dos limites do enquadramento escolhido pelo fotógrafo.

Qual distância
nos aproxima?



MENSAGEIRO



“Fomos juntos assistir a uma cerimônia de candomblé no terreiro do Opô Afonjá, situado em São Gonçalo do Retiro. Ali fomos recebidos afavelmente por Maria Bibiana do Espírito Santo, a mãe de santo do lugar, mais conhecida pelo nome de Senhora. Ela mostrou-se interessada quando lhe disse que iria passar um ano na África, fazendo peregrinações nas fontes da religião que ela praticava. Ela bondosamente se propôs a colocar-me sob a proteção dos orixás que eu ia visitar proximamente.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

Tão ou mais conhecida do que o trabalho fotográfico e etnográfico de Pierre Verger é sua atuação como mensageiro, mais precisamente “mensageiro entre dois mundos”, expressão que deu título a um documentário sobre Verger. *Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos*, lançado em 2000, contou com apresentação e narração de Gilberto Gil, cantor, compositor e ex-ministro da Cultura no Brasil (entre 2003 e 2008). De modo distinto do que se espera dos mensageiros segundo as concepções mais comuns, Verger não apenas levava mensagens e objetos, mas também conhecia aquilo que levava, e, ao conhecer, muito aprendia.

Em 1946, em uma breve passagem pela cidade de São Paulo, Pierre Verger encontrou seu amigo Roger Bastide, também francês e pesquisador do Candomblé da Bahia, que naquela época lecionava na Universidade de São Paulo. Verger havia acabado de chegar ao Brasil e era repórter fotográfico recém-contratado da revista *O Cruzeiro*, trabalho que facilitou o trânsito por cidades da Bahia, Pernambuco e Maranhão, onde pôde conhecer o Candomblé em Salvador, o Xangô no Recife e o Tambor de Mina em São Luís. Segundo Verger, Bastide foi quem primeiro falou-lhe sobre a influência africana no Brasil, especificamente na Bahia — o contrário, a influência brasileira na África, já havia sido anunciado desde o dia em que encontrou no Togo, em sua primeira viagem ao continente africano, o taxista Laurent de Souza, que lhe falou brevemente sobre o Brasil.



 **VOLTAR**

AD)))

Mãe Senhora, Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, Salvador, Brasil

c. 1950
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

“Quatro dias mais tarde, iria passar a noite no terreiro do Opô Afonjá, onde ela consagrou a minha cabeça a um Xangô, deus do trovão, e entregou-me um colar de contas vermelhas e brancas, suas cores simbólicas. Através daquela cerimônia, eu me tinha tornado um dos filhos espirituais daquela grande mãe de santo. Ela marcava a minha inclusão no mundo do candomblé; dele fazia parte daquele dia em diante e poderia falar na África em seu nome.”

Pierre Verger, *50 anos de fotografia*

**“Orixás velam seu sono
Segue o ritual nagô
E ao som de atabaques
Iyalorixá descansou
Morreu Senhora
Morreu Maria Bibiana do Espírito Santo
Senhora governou durante anos
No mundo mágico e complexo do candomblé
Reúnem-se os obás e ogãs
Para conduzirem Senhora
À sua última morada
Tem início o ritual nagô
Ouve-se a voz do pai de santo
Elevar-se em língua iorubá”**

Enterro de Iyalorixá

Os Tincoãs



 VOLTAR

AD)))

Jogo de Ifá, Ketu, Benim
c. 1950
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

“Em Ketu, iria mais longe, pois ali fui iniciado na adivinhação, como babalaô, pai do segredo, onde recebi um novo nome, Fatumbi, ‘nascido de novo graças ao Ifá’. Esta cidade de Ketu era particularmente importante para mim, pois os primeiros terreiros de candomblé da Bahia tinham sido fundados por pessoas de sua origem. O fato de ter-me tornado babalaô dava-me o direito e dever de aprender de meus confrades as histórias simbólicas sobre as quais repousa a adivinhação pelo Ifá e cujo conjunto representa a soma dos conhecimentos orais dos lorubás.”

Pierre Verger, 50 anos de fotografia

O Ifá é um sistema divinatório, considerado porta-voz de Orunmilá, o Orixá da profecia, que teve origem na África Ocidental e espalhou-se por alguns dos territórios da diáspora africana, como o Brasil. Babalaô é o sacerdote do Ifá, conhecedor de seus segredos e cuja missão é, além de preservá-los, fazer a iniciação de outros babalaôs. O livro *Lendas Africanas dos Orixás*, publicado em 1985, com ilustrações do artista Carybé, reúne algumas das histórias que Pierre Fatumbi Verger aprendeu em sua iniciação como babalaô.



Idi, Benim
1951–1954
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

Em **Idi, Benim**, o que se vê é uma situação de transe, experiência singular cuja definição escapa aos moldes e às concepções definitivas. Segundo as pesquisas de Pierre Fatumbi Verger no livro *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns: na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*, cada pessoa iniciada no culto aos Orixás possui duas personalidades: uma é adquirida em seu meio social e manifesta-se em estado de vigília; a outra é um “desdobramento mítico inconsciente”, desenvolvido no processo de iniciação, que se manifesta no estado de transe.

No fim da década de 1940, ao encontrar a Bahia e o candomblé, bem como seu próprio interesse pela cultura afro-baiana, principalmente por seus aspectos religiosos, Pierre Verger se tornou mensageiro, dispondo de todos seus esforços e recursos nessa missão. Em 1948, recebeu uma bolsa de estudo do Instituto Francês da África Negra (IFAN) — cujo o diretor era Théodore Monod, que Verger havia conhecido em Dakar — para passar um ano no continente africano pesquisando os cruzamentos e aproximações entre o culto dos Orixás em Salvador e Benim. Se antes era movido pelo desejo de fuga, de desviar-se de seu meio e de seu antimeio, agora havia encontrado um caminho de busca.

Mesmo não possuindo uma formação acadêmica em antropologia ou etnografia, Pierre Fatumbi Verger conservava a observação como método, a curiosidade respeitosa e o pragmatismo das anotações. Além de sua convivência com etnógrafos e antropólogos do Musée de l'Homme, em Paris, Verger trocava cartas com intelectuais e pesquisadoras(es) que contribuíram em sua jornada de aprendizagem, como o escritor Jorge Amado, o cantor e compositor Dorival Caymmi, a arquiteta Lina Bo Bardi, o sociólogo Roger Bastide e o antropólogo Alfred Métraux, entre outras(os). Essas formas de aprender, baseadas na troca de mensagens, foram cruciais para que Verger pudesse escrever detalhadamente sobre as aproximações entre o culto dos Orixás na costa ocidental da África e no Brasil.

“E os santos dançavam também ao som da velha música da África, dançavam todos os quatro entre as feitas ao redor dos ogãs. E eram Oxóssi, o deus da caça, Xangô, deus do raio e do trovão, Omolu, deusa da bexiga, e Oxalá, o maior de todos, que se espojava no chão. No altar católico, que estava num canto da sala, Oxóssi era São Jorge; Xangô, São Jerônimo; Omolu, São Roque, e Oxalá, o Senhor do Bonfim, que é o mais milagroso dos santos da cidade negra da Bahia de Todos os Santos e do pai de santo Jubiabá. É o que tem a festa mais bonita, pois a sua festa é toda como se fosse candomblé ou macumba.”

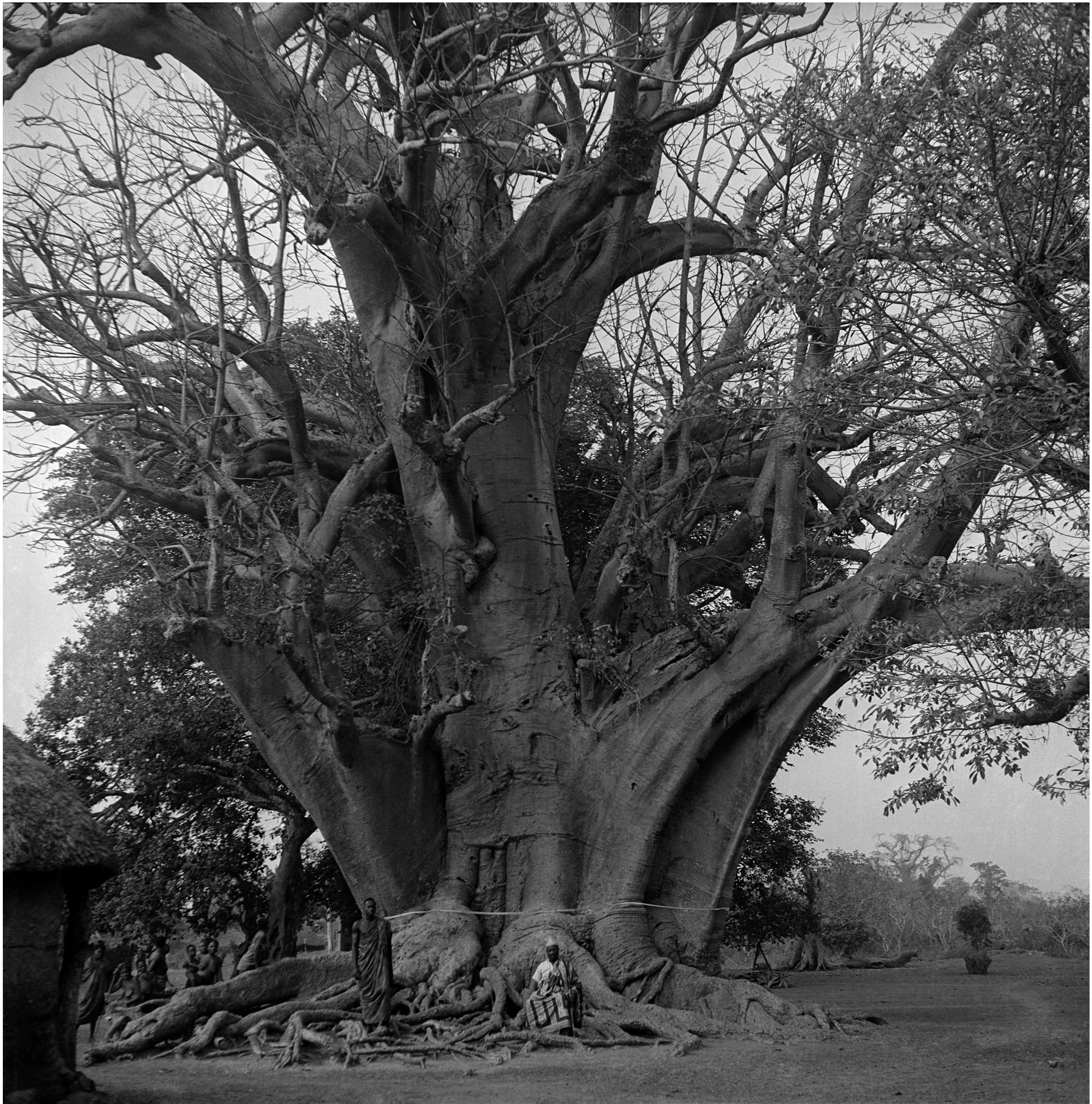
Jorge Amado, *Jubiabá*



Ondo, Pobé, Benim
1952
Impressão em gelatina e prata
40 x 40 cm
©Fundação Pierre Verger

Em 1979, Pierre Fatumbi Verger fez sua última viagem ao continente africano e posteriormente passou a dedicar-se à divulgação retrospectiva, através de exposições e publicações, das fotos e pesquisas que havia feito até então. As viagens ao redor do mundo realizadas entre as décadas de 1930 e 1940, a jornada de cerca de 30 anos de deslocamento pendular pelo Oceano Atlântico e a iniciação no Candomblé da Bahia e no Ifá do Benim fizeram com que Fatumbi construísse um importante inventário das semelhanças entre os povos da diáspora africana nas Américas, desenvolvendo um trabalho pioneiro de registro das tradições orais.

Ao levar e trazer as mensagens, buscando reaproximar a sociedade baiana das culturas iorubá e fon, Pierre Fatumbi Verger costurava a própria realidade. Além das mensagens, levou também presentes e objetos sagrados, criando diálogos e encontros entre representantes religiosos, artistas e intelectuais. Dessa costura surgiram importantes arranjos que nos ajudam a compreender a intensidade, as reverberações e as persistências dos fluxos e refluxos transatlânticos, como os diversos livros publicados e seu envolvimento na criação dos museus nas duas margens do oceano: no Benim, o Museu de Ouidah, para o qual cedeu fotos e material de suas pesquisas; no Brasil, o Museu Afro-Brasileiro, organizado por Verger a pedido do Ministério das Relações Exteriores.



 VOLTAR

AD)))

Daomé, Benim
c. 1950
Impressão em gelatina e prata
100 x 100 cm
©Fundação Pierre Verger

Na década de 1970, Pierre Fatumbi Verger passou a se concentrar ainda mais em suas pesquisas sobre a cultura afro-baiana e suas expressões religiosas, encerrando a trajetória de fotógrafo. Nessa época, lecionou na Universidade Federal da Bahia e na Universidade de Ifé, na Nigéria. Com o intuito de organizar seu vasto acervo, contendo mais de 60 mil fotografias e uma grande biblioteca, e integrá-lo à sociedade, criou a Fundação Pierre Verger em 1988, localizada em Salvador, na mesma casa onde residia.

Em **Daomé, Benim**, uma grande árvore ocupa quase todo o enquadramento. As pessoas, posando perto das raízes, quase desaparecem diante da presença colossal do baobá. Uma árvore deste tamanho não cresce da noite para o dia: a semente brota da terra e dela se alimenta, e enquanto cresce lentamente transforma o que consumiu em novos nutrientes, oferecendo-os de volta. A grande árvore centenária, por vezes até milenar, finca suas raízes na terra, fornece alimento e proteção aos outros seres, é testemunha do tempo que passou e do tempo que virá. Árvore do esquecimento, mas também da memória, o baobá resiste e acolhe.

De que se faz o
tempo?

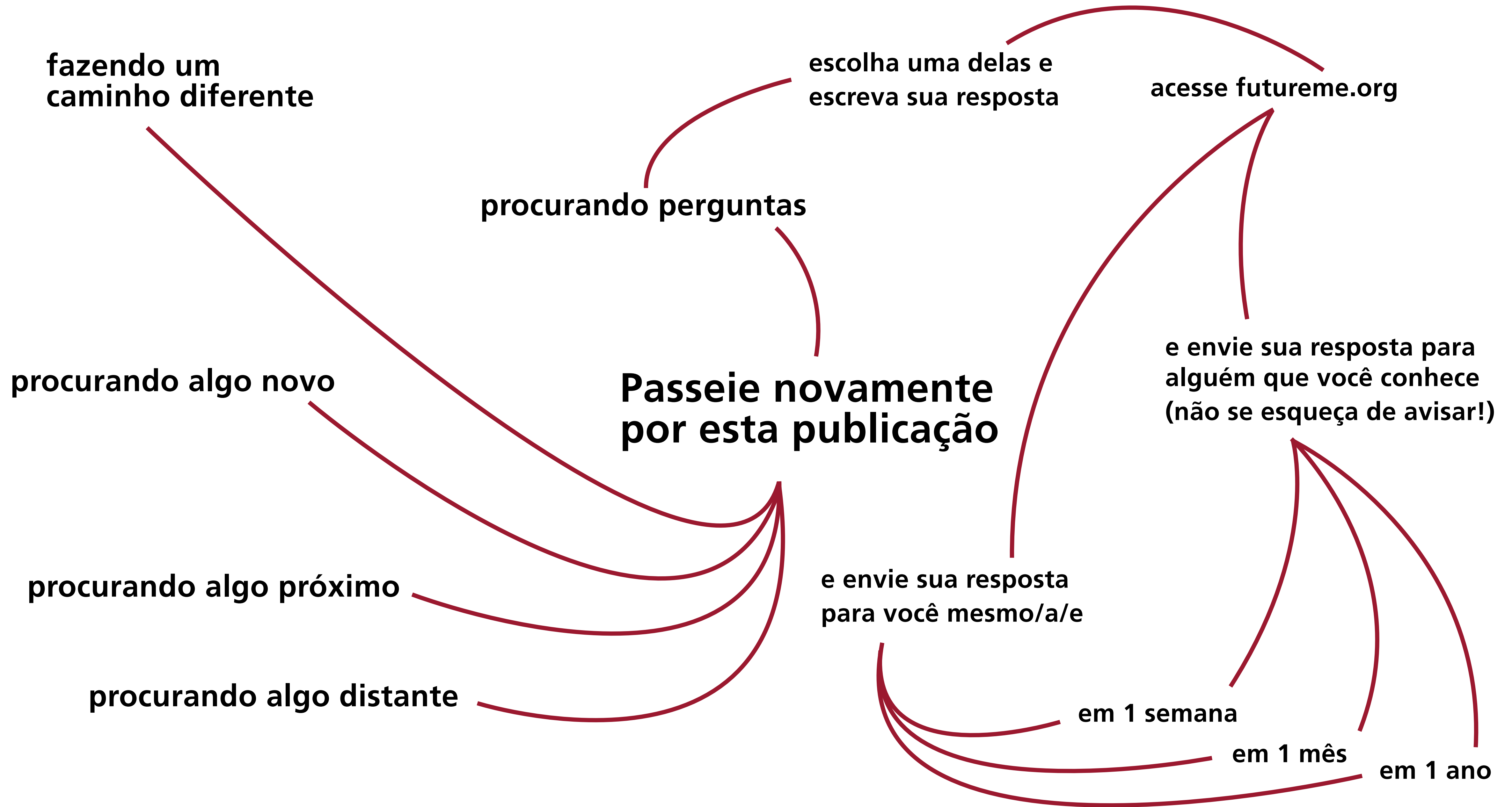
CAMINHOS

Nas próximas páginas você vai encontrar algumas atividades que buscam provocar novas leituras desta publicação educativa, deslocar seus significados e mobilizar gestos de criação.

Depois de trilhar os caminhos, fique à vontade para compartilhar sua experiência no **mural colaborativo**.







PERCURSO SONORO

Este **percurso sonoro** foi feito para acompanhar e inspirar seu passeio pela publicação educativa. Aqui você encontra 20 músicas, de diferentes partes do mundo, que aprofundam a experiência de observar as fotografias de Verger a partir de um exercício de criação de relações. Na próxima página você encontrará a lista com todas as músicas.

Tamaiti Hunahia | The Tahitian Choir | 3'34"

Moorea | Toti's Tahitians | 2'12"

Ibuki | Yoshida Brothers | 5'04"

Hine Ye Deli Le La | Victor Démé | 5'

Trong Quan | Pham Duc Thanh | 3'58"

Despedida de la Virgen del Carmen | Susana Baca | 2'52"

El Adiós | Alborada | 4'36"

Wara | Awatiñas | 3'30"

El Condor Pasa | Cholos Andinos | 2'46"

Água de Meninos | Gilberto Gil | 4'32"

Cidadão de Caruaru | Luiz Gonzaga | 2'19"

História de pescadores | Dorival Caymmi | 15'22"

Shango Agbaja | Bembesito | 6'33"

Eu E Água | Maria Bethânia | 3'23"

Amor de Escravo | Orquestra Afro-Brasileira, Abigail Moura
| 2'46"

Sulamericano | BaianaSystem feat Manu Chao | 4'06"

Ayinonvi | Denagan Janvier Honfo | 4'18"

Senie | Angelique Kidjo | 1'53"

Povos de Daomé | Ara Ketu | 3'23"

Enterro de Iyalorixá | Os Tincoãs | 2'56"

REFERÊNCIAS

Citados nesta publicação:

AMADO, Jorge. *Jubiabá*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008 [publicado pela primeira vez em 1935].

VERGER, Pierre. *50 anos de fotografia*, Salvador, Corrupio, 1982.

VERGER, Pierre. *Fiestas y Danzas en el Cuzco y en los Andes*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1951.

VERGER, Pierre. *Lendas Africanas dos Orixás*, Salvador, Corrupio, 1985 [ill. Carybé, trad. Maria Aparecida da Nóbrega].

VERGER, Pierre. *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns: na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. São Paulo, Edusp, 1999 [trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura].

Fundação Pierre Verger

No site da Fundação Pierre Verger você pode encontrar mais informações sobre a vida e a obra do artista, além de entrevistas, exposições virtuais, bibliografia detalhada e muitas outras fotografias de seu acervo.

O Maranhão por Pierre Verger

Acesse a versão digital da exposição *O Maranhão por Pierre Verger*, realizada no Centro Cultural Vale Maranhão com curadoria de Paula Porta, para conhecer as fotografias feitas por Pierre Verger no Maranhão em 1948.

CRÉDITOS

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente Estatutário
Ricardo Ohtake

Diretores Estatutários
Ruy Ohtake
Lucas Pessôa

Conselho Deliberativo
Flavia Almeida PRESIDENTE DO CONSELHO
Rodrigo Bresser-Pereira VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO
Altamiro Boscoli
Antonio Meyer
Aurea Vieira
Beatriz Bracher
Daniela Villela
Eduardo Saron
Eliane Brum
Fernando Moraes
Fernando Schmidt
Haydée Belda
Heitor Martins
Jandaraci Araujo
João Vieira da Costa
Luciana Trajano
Macaé Evaristo
Marlui Miranda
Nilo Cecco
Renata Motta
Sueli Carneiro
Tito Enrique da Silva Neto
Walter Appel

Conselho Fiscal
Miguel Gutierrez
Patricia Verderesi
Sérgio Miyazaki

Núcleo de Pesquisa e Curadoria
Paulo Miyada CURADOR-CHEFE
Priscyla Gomes
Ana Paula Lopes

Núcleo de Cultura e Participação
Gleyce Kelly Heitor DIRETORA
Agata Takiya
Ana Karina Araujo
Bruno Ferrari

Claudio Rubino
Dara Roberto
Fernanda Beraldi
Guilherme Oliveira
Isadora Mellado
Jane Santos
Jordana Braz
Luara Alves
Maiara Paiva
Marcela Jesus
Natália Vinhal
Natame Diniz
Pedro Costa
Rayanne Lima
Renata Araújo
Thamata Barbosa
Vera Nunes
Victor Constantino

Núcleo de Produção de Exposições e Projetos
Vitoria Arruda DIRETORA
André Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Ligia Pedra
Lucas Fabrizzio
Rodolfo Pitarello

Administração e Desenvolvimento Institucional
Victor Ladeira DIRETOR

Administração
Bruno Damaceno
Carlito Oliveira Junior
Fabiana Almeida
Willian dos Santos
Yago Moraes

Projetos
Beatriz Saaghard
Beatriz Lima de Jesus MENOR APRENDIZ

Captação
Julia Bergamasco

Relações Institucionais e Governança
Paula Azevedo DIRETORA

Secretaria
Maria Rocha
Nazareth Baños

Comunicação
Marcy Junqueira
Flávio Silva
Martim Pelisson
Ricardo Miyada
Vaneska Rezende

Assessoria de Imprensa
Pool de Comunicação

Coordenação Operacional
Alexandre Lopes
Marcos Sutani
Hudson Sousa MENOR APRENDIZ

Apoio
Alessandro Oliveira
Cícera Medeiros
Edmilson Pereira
Edson José
Elcio Borges
Everton Alves
Fábio Araújo
Jonas Pires
Marcelo Mariano
Marina Neves
Orlando Rodrigues
Raiana Ramos
Silvia Regina
Steven Washington
Wellington Araújo

Técnica
Adilson Oliveira
Jacildo A. Paula
Pedro Mário
Silvio S. Lima

Serviços Gerais
Carolina Neres
Elizandro Ferreira
Elza Martins
Genivaldo da Silva
Jairo Nascimento
Luciene Monteiro

Zelador
Aroldo Eça
Valdir Ramos

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA

Coordenação
Isadora Mellado

Projeto editorial, pesquisa e edição
Divina Prado

Consultoria de acessibilidade
Claudio Rubino

Textos
Divina Prado

Design
Ligia Pedra

Revisão
Isabela Maia

Audiodescrição
Liliana Tavares ROTEIRO E NARRAÇÃO
Elizabet Dias de Sá CONSULTORIA
Leo Alfinete EDIÇÃO

Videolibras
Fábio de Sá

Laboratório de criação
Bruno Ferrari
Caroline Martins
Cintia Alves
Divina Prado
Elidayana Alexandrino
Isadora Mellado
Janice de Piero
Jordana Braz
Luara Carvalho
Márcia Saraiva
Maria Christina de Souza Lima Rizzi
Maria Thereza Marcilio
Mirian Caxilé
Nayara Silva
Pedro Costa
Vanessa de Oliveira Santos

Este material educativo foi publicado por ocasião da exposição *Pierre Verger: Percursos e Memórias*, realizada pelo Instituto Tomie Ohtake de 13 de agosto a 21 de novembro de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prado, Divina
Pierre Verger [livro eletrônico] : percursos e memórias : publicação
educação educativa / [textos Divina Prado ; coordenação Isadora
Mellado]. -- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2021.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89342-13-7

1. Fotografias 2. Verger, Pierre 1906-1996
I. Mellado, Isadora. II. Título.

21-87435 CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Fotografias 779.9
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Os vídeos e páginas de terceiros indicados neste material educativo
são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Caso algum link não funcione corretamente,
tente fazer download novamente pelo site do Instituto
Tomie Ohtake ou entre em contato conosco pelo e-mail
participacao@institutotomieohtake.org.br.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE
Complexo Aché Cultural
Av. Faria Lima, 201 | Pinheiros, São Paulo - SP
Entrada pela Rua Coropés, 88
(11) 2245-1900 | www.institutotomieohtake.org.br

ACOMPANHE O INSTITUTO TOMIE OHTAKE NAS REDES SOCIAIS

 @institutotomieohtake

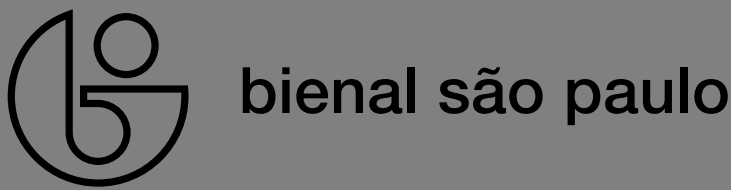
 /inst.tomie.ohtake

 /institutotomieohtake

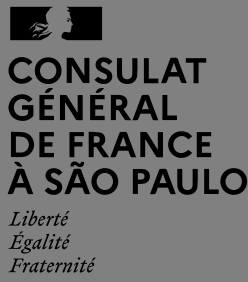
 /tomieohtake



correalização



apoio cultural



realização

